

Cristina Carvalho

O Olhar e a Alma

Romance de Modigliani

 Planeta

A arte é longa, a vida é breve.

Hipócrates

Índice

Amedeo, Modi, Dedo – Vida e Mito	11
I – Limiar	15
II – Paris	47
III – Paixão	71
IV – Nudez	107
<i>Quando conhecer a tua alma, pintarei o teu olhar</i>	133
Nota final	137

Amedeo, Modi, Dedo – Vida e Mito

Sobre a vida de Modigliani, poucos relatos existem. Tudo o que consultei, os livros que li, os filmes que vi diferem apenas nas interpretações que cada um lhes deu. Sabe-se de quem e onde nasceu, onde viveu, as doenças que teve e que foram uma das marcas da sua vida; há conhecimento de algumas das mulheres que teve, dessas que também foram doença. Sabe-se quem foram os seus amigos mais chegados:

Amedeo Clemente Modigliani, Modi ou ainda Dedo – nomes familiares – nasceu em Livorno, Itália, no dia 12 de Julho de 1884 e morreu em Paris, França, no dia 24 de Janeiro de 1920.

Teve uma filha com Jeanne Hebuterne que se chamou Jeanne Modigliani. Viveu, esta pessoa filha, entre 1918 e 1984. O seu segundo filho não chegou a nascer.

Sobre a personalidade, propriamente dita, poderemos tirar algumas conclusões baseadas, principalmente, numa carta escrita pelo seu grande amigo, protector e mecenas das artes plásticas, o médico Paul Alexandre, carta essa escrita em 1924 e dirigida a uma irmã de Modi, Margherita. São apontamentos e esclarecimentos sobre os aspectos primordiais da sua personalidade. Daqui podemos, então, tirar algumas conclusões esperando atingir certa realidade.

Modi detestava e desprezava, em absoluto, a mediocridade. A mediocridade, a ignorância, os falsos gestos, a falsa criatividade. Achava que

a vida devia ser arriscada; que uma pessoa devia morrer depois de ter experimentado e levado qualquer atitude até às últimas consequências. «Dos fracos não reza a história», e as fraquezas e a vulgaridade de atitudes, as insignificâncias, dessas que toda, mas toda a gente conhece não têm qualquer interesse. Ele queria o melhor. Sempre e só o melhor em tudo, nas artes, nas mulheres, nas bebidas, nos amigos... Ah, como o compreendo! Uma tal dignidade, uma tão minuciosa busca em tudo o que a sua cultivada educação ordenava, era-lhe dificultada pela dura e amarga realidade do quotidiano de pobreza em que vivia. O espírito de Amedeo Modigliani não se rendia, simplesmente, à pintura. A literatura, e na literatura a poesia, também a filosofia, tudo iluminava o seu pendor intelectual. Verdadeiramente intelectual.

Modigliani, cuja vida inspirou romances, que foi pretexto de filmes e se tornou num verdadeiro mito, foi uma pessoa de extraordinária pureza. É esta a palavra que melhor poderá definir a sua personalidade: pureza. Como todos os artistas em qualquer área, teve uma sensibilidade muito acima da mediania, uma visão interiorizada e única da sua vida, das outras vidas suas contemporâneas. Amedeo Modigliani foi um homem de paixão. De grande orgulho também.

E quem não entender isto na vida de um artista não entenderá, jamais, nada de nada da alma de um humano.

Não pretendo aqui nem relatar nem descrever aspectos técnicos da sua obra, nem sobre ela fazer análises comparativas, nem deduções científicas. Nem sequer tenho conhecimentos dessas artes – a pintura ou escultura – para que me atrevesse a tal intenção. Fiz uma recolha, apenas, de momentos da vida de uma pessoa que muito me impressionou. Que me perdoem, pois, os amantes da pintura e da escultura – que eu também sou – se não entrar em pormenores.

A verdade é que, escrevendo sobre Amedeo Modigliani, acabo por penetrar a sua pele, ou seja, sinto-o, perfeitamente, desde criança até subir aos seus trinta e tal anos numa progressão doentia, muito lenta até a uma certa altura e depois, a partir dos vinte anos, tomando uma velocidade tal que a sua viagem passa a ser, totalmente, arrebatadora. Acompanho-o, pois, em todas as brincadeiras lá no cais de Livorno,

aceito os afagos vindos das mãos de sua mãe, imagino-o à deriva por Florença, Veneza ou Capri, rejubilo com a rebeldia que lhe faz corar o rosto, invoco-o, sonho-o, viajo-o e espreito a vida que leva em Paris sem me atrever a chamar-lhe a atenção seja no que for. Tudo o que faz, o mal e o bem, o desespero, a alegria da chegada de uma qualquer paixão, e são muitas, umas atrás das outras, a última sempre a mais retumbante, a que vibra, a que chega a explodir. Consigo sentir o cheiro da sua enxerga, o cheiro deixado pelas mechas castanhas desse cabelo que enlouquece, esse aroma que mancha o pano das almofadas onde repousa.

Somos pessoas. Ele já foi. Eu, ainda sou. E escuto-o quando conta. Escuto até, através dele, algumas outras vozes, de outros tantos fantasmas que o amaram. Mulheres. Escuto, e aqui vos deixo o que ouvi.

I
Limiar

Ainda hoje agradeço a Deus e a todos os santos que protegem e abençoam esta minha cidade de Livorno o facto de os meus pais nunca terem notado nada de especial em mim, quero dizer, na minha cara do dia seguinte, depois de ter passado mais uma noite de intenso recolhimento por debaixo dos lençóis e da pesada camada de cobertores, camada essa a impossibilitar qualquer percepção de movimentos das mãos e contorções do corpo, abafando todo e qualquer gemido, longo ou breve. Talvez seja da mais elementar constatação referir a minha querida mãe, muito mais do que o papá. Na verdade, Flaminio, o meu pai, estava pouco presente, e quando estava ligava-nos pouco. Nem a mim, nem aos meus irmãos. Acredito hoje, na minha ainda pouca idade de treze para catorze – e já pressinto e vejo muito mais do que há dois ou três ou quatro anos –, que meu pai pensava muito mais nas vinhas, no vinho e na quinta lá tão longe do que estaria preocupado com as minhas olheiras arroxeadas e o meu rosto afogueado à conta das manipulações nocturnas.

Costumava deitar-me logo a seguir ao jantar. Era uma correria louca por aquele corredor, primeiro sempre os mais velhos e eu sempre o último, ofegante, a querer e a não querer ir para a cama e aquela cena diária quase me incomodava, quase me saltavam os olhos já esbugalhados de tanto esforço, e ainda por cima logo a seguir à

comida. Quantas vezes me senti mal, o peito a arfar, o coração a bater, a cama tão fria, o nevoeiro a escorrer pelo passeio rente à janela do quarto onde eu dormia, as mãos a tactear o meu próprio corpo, a mão direita, a mão esquerda, um corvo na rua, a luz frágil do candeeiro a espalhar todas as sombras, o cais ali mesmo e agora a sirene do barco partindo, o adeus, o sopro a evadir-se dos meus lábios, um sussurro, um beijo errante a perder-se, a encontrar-se, um beijo transformado mais uma vez, transformado em líquidos sólidos em que me encontro agora banhado. Mais um dia, mais uma noite. E foi assim durante uns anos até que comecei a emagrecer muito. Passei a alimentar-me mal. Os ovos batidos com toucinho que teimavam em dar-me todas as manhãs enjoavam-me, a carne de porco ensanguentada enjoavam-me, as grandes fatias de pão barradas com banha enjoavam-me. Com a desculpa de ter de ir à retrete, levantava-me sempre a correr da mesa. Ali ficavam todos eles a comer, a mãe e os outros. E não era uma desculpa! Eu queria, precisava de estar sozinho, e o único local possível nesses momentos era a retrete, um pequeníssimo espaço dentro de uma outra divisão interior – o quarto de banho – onde, num buraco forrado com uma roda de madeira, eu me sentava a sonhar depois de ter enfiado todos os dedos na boca e por ela ter largado o que, minutos antes, acabara de tragar.

Depois, voltava para a mesa. Comia o que tinha deixado a meio sem qualquer ânimo nem vontade. Os meus irmãos já tinham terminado a refeição e andavam por ali. Eugénie, sentada no seu lugar, observava todos os meus gestos «come mais um bocadinho, meu filho. Tens de ter forças para dormir. Pelo menos, para chegares até à cama...»

E dizia-me isto com um sorriso atravessado que eu percebia e ela também percebia.

A verdade é que a minha mãe sabia de tudo, sempre soube. E ainda assim continuava a passar-me a sua doce mão pelos meus cabelos e a entrelaçar os dedos nos caracóis que se formavam ali na testa, a descair para os olhos. Se por um lado era bom, por outro lado era mau. Hoje sei que Eugénie, minha mãe, sofreu de solidões de amor e, por se ter entregado de alma e coração a todos os seus filhos, talvez

com maior dedicação a mim pela simples razão de eu ser o último e muito doente, prendeu-nos, a mim e a ela, uma ligação de uma espécie bastante doentia: ela não passava sem mim e eu não passava sem ela. Isto até uma certa idade. Eugénie acompanhou-me sempre e sempre na esperança de me ver a melhorar e eu sabia que estando com ela nada de mal me poderia acontecer. E depois eu era belíssimo! Os meus olhos e o meu olhar! Os lábios, o sorrir, o falar, o desenho das mãos e dos braços, os traços elegantes, finos, delicados do meu rosto, e a arte, sempre a arte que desde cedo me empurrou para deambulações de mistério e de beleza. Eu quis aprender tudo, a dura rudeza da pedra, de a amaciar, de a tornear, de a marcar e compreender; a revelação da pintura, os meus passeios com amigos, as mulheres que me entonteceram sem nunca me enlouquecer, a tosse, a doença, a minha vida e a minha morte.